



O QUE A PSICANÁLISE FALA SOBRE GÊNERO NO BRASIL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Soraya Alviano Pialarissi Barbosa* (Psicóloga no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família de São José dos Pinhais; São José dos Pinhais-PR).

Contato: soraya.alviano@gmail.com*

Psicologia na Clínica Contemporânea e novas Sintomatologias

Palavras-chave: Gênero. Psicanálise. Brasil.

O grupo Avesso – Grupo de Estudos de Gênero e Psicanálise – é um espaço construído em 2017 no qual psicanalistas discutem a interlocução entre teoria e prática da psicanálise relacionada a questões de gênero, em sua incidência ética, clínica e política. A partir de leituras e debates realizados no Avesso, houve a necessidade de se rastrear de forma sistemática pesquisas que fossem brasileiras e que tratassem da interseção entre dois campos de saberes fundamentais: a psicanálise e os estudos de gênero. Esse trabalho, então, é resultado dessa sistematização de dez anos de pesquisas realizadas no Brasil entre 2007 a março de 2017 encontradas no site *google scholar* a partir de duas categorias: gênero e psicanálise. A pesquisa tem como objetivos: compilar as pesquisas sobre o tema, identificar as prevalências temáticas e apontar hipóteses para tais achados.

Inicialmente, gênero teve a sua origem como um conceito fundamental na 2ª onda do feminismo, entre as décadas de 1970 e 1980, para marcar a diferença entre a categoria sexo. Muitas pesquisas foram desenvolvidas a partir dessa diferença, culminando na criação dos *gender studies* nos Estados Unidos como um campo particular dentro das ciências humanas. (BARBOSA, 2014). Porém, autoras como Joan Scott e Judith Butler, por exemplo, na década de 1980 e 1990, questionaram essa dicotomia entre sexo e gênero. A primeira propôs pensar o gênero para além do binário e como uma categoria de análise histórica (SCOTT, 1995), enquanto que a segunda deu ao gênero um caráter performativo, ou seja, ele não é nem construído biológica ou historicamente, mas sim reiterado em atos cotidianos, dentro de uma rede discursiva de poder onde eles são ou não legitimados. Além disso, Butler rompe fortemente com a primeira definição de gênero ao dizer que



o sexo também é construído e reiterado pelo discurso, ou seja, ele não é visto mais como um dado biológico (BUTLER, 2010).

Em contrapartida, a psicanálise não fala do lugar do gênero, mas sim da pulsão, do desejo e da sexualidade. Como um saber construído no século XIX, ela ainda mantém alguns resquícios conservadores datados dessa época e que precisam com urgência serem debatidos. O primeiro psicanalista que começou a discutir gênero na psicanálise é Robert Stoller (1974), o qual cunhou o termo 'identidade de gênero' em suas pesquisas na população intersexo e transexual em 1968, no livro *Sex and Gender*. Posteriormente, outras autoras debatem gênero porém de maneira muito distinta da de Stoller, tais como Juliett Mitchell, Luce Irigaray, Julia Kristeva nas décadas de 1970 e 1980. Entretanto, no Brasil as discussões chegaram tardiamente com autores como por exemplo, Jurandir Freire Costa.

As pesquisas encontradas nesse estudo exploratório mostram que em 2007 há alguns nomes importantes como Maria Cristina Poli (UFRJ), que discutia sobre o masculino e feminino na psicanálise, assim como Paulo Roberto Ceccarelli (PUCMG), que fala sobre novas configurações de família e outros assuntos pertinentes à temática ao longo desses dez anos. Outras pesquisadoras até hoje influentes e que datam desse ano são Patrícia Porchat (UNESP) e Márcia Arán, as quais discutiam transexualidade e diferença sexual, respectivamente.

Nestes dez anos, entre 2007 e 2017, podem-se agrupar as pesquisas em alguns eixos: diferença sexual, transexualidade, homossexualidades e feminilidade. Ressalta-se que em 2016 há um crescimento considerável de trabalhos publicados sobre o tema trans e que também problematizam a patologização dessa questão no interior da psicanálise, como por exemplo, as publicações no *Periódicus*, da Universidade Federal da Bahia, onde a psicanálise e outras humanidades têm espaço. Por outro lado, os achados em feminilidade e homossexualidades são, em sua grande maioria, essencialistas e não muito inovadores. Muitas revisões de Freud até hoje são feitas sem uma proposta diferenciada ao final dentre os artigos. Inclusive, algumas pesquisas com uma proposta patologizante da transexualidade (ou transsexualismo, para os que fecham os olhos ao sufixo -ismo de patologização) até 2017 foram realizadas, o que é um tamanho contrassenso para a nossa atualidade.

Algumas hipóteses são consideradas para esse rastreamento de trabalhos publicados em dez anos no Brasil. A primeira delas é a formação do psicólogo e, posteriormente, do psicanalista. Qual é o entendimento de gênero nas universidades de Psicologia no Brasil? Há de fato uma discussão na formação acadêmica e depois nas escolas de psicanálise? A segunda hipótese é: por que até hoje o tema de gênero não tem visibilidade? Quais são os mecanismos de poder que atuam para que haja essa invisibilidade? Uma demora temporal para os livros sobre a temática é um ponto importante a ser considerado – por exemplo, um livro do Stoller chamado *Feminilidade e Masculinidade* só foi



traduzido para o português em 1993, e o mesmo ocorreu com autoras como Judith Butler e Julia Kristeva, que só tiveram as obras traduzidas muito depois de sua publicação. Luce Irigaray, entretanto, nem tem obras traduzidas para a nossa língua, o que dificulta a sua transmissão e discussão. Uma terceira hipótese é que se alia a essas duas anteriores é a falta de revistas específicas de divulgação científica onde seja possível uma interdisciplinaridade entre a psicanálise e outros saberes. Ou as revistas psicanalíticas são de escolas e, portanto, são muito específicas e não têm divulgação ampla, ou a psicanálise fica diluída em revistas de Psicologia, o que também se relaciona com o lugar que a psicanálise ocupa na universidade. Em suma, todas essas três considerações incidem diretamente na prática clínica e ética, sobretudo na pesquisa, visto que atendemos pacientes com diversas questões de gênero e sexualidade todos os dias e estamos formando psicólogos nas universidades e transmitindo a psicanálise nas escolas. Com esse panorama, a psicanálise tem muitos desafios pela frente para se desvincular das noções patologizantes e essencialistas, dialogar com outros saberes e inovar o seu próprio, sempre pautando pela ética que lhe é própria.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, S. A. P. (2014). *Identidade de gênero e psicanálise: reflexões*. Monografia de graduação, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- Butler, J. (2010). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (3a ed.). (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.
- Stoller, R. (1974). *Sex and gender, The development of masculinity and femininity*, London: Karnac Books Ltd.